

EM BAIXA

Comércio espera maior recessão da história

2016 SERÁ O ANO DA MAIOR CRISE JÁ VIVIDA PELO COMÉRCIO PAULISTA, APONTA FECOMÉRCIO-SP

DC

A Fecomércio-SP divulgou, nesta semana, a PCCV (Pesquisa Conjuntural do Comércio Varejista no Estado de São Paulo), que, apesar de trazer dados do final de 2015, já é considerada o maior termômetro do comércio em todo o Brasil. E as perspectivas não são boas. Elas apontam para uma recessão maior do que a prevista. A entidade aponta que a retomada do crescimento das vendas varejistas é improvável no médio prazo, e afirma que em 2016 poderá se consolidar a maior crise já vivida pelo comércio paulista, com retrações expressivas das atividades sem sinais de arrefecimento, dando continuidade a um cenário de desalento e baixas perspectivas. Segundo a Pesquisa, realizada com base em informações da Sefaz-SP (Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo), o faturamento real do comércio varejista do Estado atingiu R\$ 46,8 bilhões em novembro, queda de 10,1% na comparação com o mesmo mês de 2014 e R\$ 5,3 bilhões abaixo do valor alcançado em novembro de 2014. Este foi o menor faturamento para o mês desde 2009. Já no acumulado dos onze meses de 2015, o varejo paulista teve retração de 6,5%, o que representa uma redução de R\$ 34,2 bilhões nas vendas. De acordo com



Foto: Divulgação

Lojas vazias e o comércio já especula sobre o ano de recessão

a FecomércioSP, o resultado de novembro resfria o mau momento que o comércio varejista no Estado de São Paulo vive. Em dezembro de 2015, a expectativa é uma baixa de 4% no faturamento real. Os dados preocupam ainda mais porque o comércio de São Paulo é o maior do país. Os baixos desempenhos confirmam a tendência de queda para o fechamento do ano, que terá retração de até 6% inferior ao observado em 2014, influenciada pela forte deterioração dos indicadores econômicos,

como PIB, emprego, renda, crédito, déficit fiscal, alta da inflação, câmbio e juros. O resultado deve ficar próximo ao do Balanço de Vendas da ACSV (Associação Comercial de São Paulo), que mostra que o varejo paulistano encerrou 2015 com saldo negativo de 8% - o pior desde o Plano Real.

Regiões

De acordo com a FecomércioSP, entre as 16 regiões analisadas, apenas o comércio varejista da região do Litoral

paulista mostrou resultado positivo em novembro (1,3%), enquanto as demais apresentaram recuo em suas vendas. Sete das nove atividades analisadas apresentaram quedas expressivas em novembro, das quais quatro delas, acima de 15%: concessionárias de veículos (-23,7%), materiais de construção (-20,6%), lojas de vestuário, tecidos e calçados (-17,6%) e outras atividades (-15,6%).

Somados, os quatro segmentos contribuíram negativamente com a retração geral

com 9,8 pontos percentuais. Por outro lado, os setores de supermercados (3,5% e colaboração no resultado geral de 1 ponto percentual) e de farmácias e perfumarias (0,7%, sem contribuição significativa), foram os únicos que não recuaram. Segundo a assessoria econômica da FecomércioSP,

além das baixas observadas no mês, o fraco desempenho dos setores de eletrodomésticos, eletrônicos e lojas de departamentos (-11,2%) é um forte indicio de que nem mesmo as vendas promocionais da Black Friday de 2015 conseguiram impedir a forte redução das vendas do segmento.

Na capital paulista efeitos são devastadores

O varejo da capital paulista registrou queda de 7,2% em novembro na comparação com o mesmo mês de 2014 e atingiu o faturamento real de R\$ 14,6 bilhões.

É o menor faturamento para um mês de novembro desde 2009. No acumulado do ano, a retração foi um pouco menor (-4,4%) e a 19ª queda consecutiva nessa base de comparação, o que representa uma redução de vendas reais de R\$ 7 bilhões em comparação ao mesmo período de 2014.

Das nove atividades analisadas, seis registraram queda, sendo que quatro retraíram acima de dois dígitos: materiais de construção (-21,5%), outras atividades, setor em que predomina o varejo de combustíveis (-19,1%), concessionárias de veículos (-15,0%) e lojas de móveis e

decoração (-11,7%).

Juntas, as quedas pressionaram negativamente o índice geral em 7,8 pontos percentuais.

No sentido oposto, as três atividades que conseguiram obter taxas de crescimento foram supermercados (4,0%), lojas de vestuário, tecidos e calçados (1,9%), farmácias e perfumarias (1,7%), que somadas, amenizaram a queda geral em 1,5 p.p.

Em 2016, a Federação prevê grandes obstáculos para os empresários do comércio da capital. Os estoques elevados e grandes compromissos de custos que são naturais do início de cada ano geram diminuição da liquidez, estimulando as promoções e liquidações de maneira ainda mais intensa. As informações são do Diário do Comércio.

Um enfoque sobre a Educação Financeira

POR FREDERICO BRAGA *

Educação Financeira é um tema de suma importância para que abordemos na imprensa, pois muitos brasileiros não sabem como administrar suas finanças e o efeito na economia já é sentido com intensidade nos indicadores de inadimplência. A CNC, Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo nos fez saber, que aumentou, em janeiro de 2016, o número de famílias com dívidas tanto na comparação mensal como na anual. O percentual alcançou 61,6% no primeiro mês de 2016, superior aos 61,1% observados em dezembro de 2015 e aos

57,5% registrados no mesmo período do ano passado. A proporção de famílias com dívidas ou contas em atraso e das que relataram não ter condições de pagar suas contas vencidas também aumentou em ambas as bases de comparação. O percentual de famílias inadimplentes cresceu de 23,2%, em dezembro de 2015, para 23,7% em janeiro de 2016 atingindo o maior patamar desde setembro de 2011. No mesmo período do ano passado o índice era de 17,8%.

A proporção das que declararam não ter condições de honrar as dívidas em atraso e

que, portanto, permaneceriam inadimplentes atingiu 9,0% em janeiro, ante 8,7% em dezembro de 2015 e 6,4% registrados no mesmo período do ano passado.

Está claro nos dados apresentados os reflexos da crise econômica, mas um fator que acentua este cenário é a falta de planejamento orçamentário das famílias. Na última semana, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, OCDE, sediada em Paris, fez-nos saber que o Brasil tem o segundo maior número de estudantes com baixa performance em matemática básica, ciências e leitura, em uma lista de 64 países de todos os continentes.

Cerca de 12,9 milhões de estudantes com 15 anos de idade, de um total de 15,1 milhões que compuseram o universo do estudo realizado pela instituição, não têm capacidades elementares para compreender o que leem, nem conhecimentos essenciais de matemática e ciências. Deste total, 1,1 milhão

são brasileiros.

Como cobrar da população educação financeira, se há carências no ensino da matemática básica e compreensão do que leem? A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do AM, em sua missão de representar e defender os interesses dos empresários amazonenses, compartilha dessa preocupação, no que tange à

Como cobrar da população educação financeira, se há carências no ensino da matemática e na compreensão do que leem?

inadimplência das famílias e os impactos nas empresas.

Vamos expor nos parágrafos seguintes e até mesmo nas próximas colunas, devido à amplitude do tema, pontos essenciais para que as famílias se edu-

quem financeiramente. O que se relaciona diretamente com a melhoria na qualidade de vida das pessoas, das comunidades e possui reflexo direto no desenvolvimento econômico.

Quando abordamos o tema "Educação Financeira" temos como meta instruir os cidadãos a serem consumidores que planejam para serem capazes de ter a disciplina de comprar, pagar e ainda conseguir poupar.

É finalidade da publicidade e da propaganda estimular nas famílias o desejo para o consumo, portanto, é necessária atenção para incluir a razão nas decisões financeiras, sempre lembrando que o objetivo não é excluir as emoções das escolas, mas apenas dar a elas o peso adequado. O lapso surge quando os desejos são tratados como se fossem necessidades. Neste cenário, é impossível alcançar uma boa saúde finan-

ceira e até mesmo, pode-se dar início a um processo de endividamento excessivo como mostram os dados da CNC.

O ponto central da Educação Financeira é o orçamento, que é uma importante ferramenta para conhecer, administrar e equilibrar as receitas e despesas e, com isso, as famílias planejam e alcançam seus sonhos. Devido à abrangência dos temas incluídos no assunto abordado nesta coluna, conforme já citado, retomaremos o assunto em espaços futuros da Fecomércio AM neste periódico.

Abordaremos pontos como o uso do crédito, que não deve ser visto como "mocinho" nem como "vilão", poupança e investimento. Todos esses assuntos sempre contextualizados com a realidade sociocultural brasileira e com os interesses do empresário.

*Esta coluna é publicada na edição do final de semana e foi elaborada, excepcionalmente por Frederico Braga, Assessor de Comunicação - Fecomércio - Sesc e Senac AM

Meio: Jornal Em Tempo		
Editoria: Cultura	Caderno: Plateia	Data: 16/02/2016

TERCEIRA IDADE

Inscrições para atividades estimulantes

INTERAÇÃO

Estão abertas as inscrições para as atividades do Trabalho Social com Idosos (TSI) promovido pelo Sesc. Para participar, é preciso ter idade mínima de 55 anos e ter feito exames médicos de rotina nos últimos seis meses. As inscrições estão sendo realizadas nas unidades Sesc, o interessado deve dirigir-se a uma das unidades para entrevista e cadastro. As atividades iniciam no dia 1º de março e são gratuitas.

O objetivo principal é oferecer atividades que promovam o envelhecimento ativo em todas as suas dimensões. São necessários carteira de identidade, CPF e comprovante de residência, além de exames médicos e Carteira do Sesc atualizada para os interessados em participar das atividades. No Amazonas o Trabalho Social com Idosos do SESC está presente nos municípios de Manaus (Centro e Balneário) e Manacapuru atendendo uma média de 500 idosos. Este ano, o Bairro Jorge Teixeira irá ganhar um grupo do TSI do Sesc, o intuito é atender a comunidade.

Entre as atividades ofertadas estão relaxamento, dinâmicas de grupo, oficinas da memória, palestras, artesanato, recreação e lazer, passeios, bailes, atividades culturais, gincanas, contação de histórias entre outras que possibilitam a realização em suas próprias experiências.

Desenvolvido há 29 anos, as atividades do Trabalho Social com Idosos são direcionadas para pessoas a partir de 55 anos de idade, as quais passam a fazer parte da clientela SESC usufruindo dos mesmos benefícios que comerciários em relação a quase todas as taxas de serviços oferecidos. Para pessoas abaixo desta faixa etária, será cobrada uma taxa de mensal de R\$ 13. Mais informações pelo número (92) 3649-3750.

ABE MULHERES



DIVULGAÇÃO

O Trabalho Social com Idosos é reconhecido pela Organização das Nações Unidas e atende por volta de 60 mil pessoas todos os anos

Meio: D24 Am		
Editoria: Notícias/Amazonas	Hora: 14h21	Data: 16/02/2016

Senac AM abre inscrições para cursos técnicos em Podologia e Estética

Carga horária é de 1.200 horas, com início no dia 7 de março de 2016 e término em 10 de agosto de 2017.



Curso Técnico em Podologia habilitará o aluno a identificar afecções e disfunções que acometem os pés. Foto: Divulgação/Senac AM

Manaus - O Senac Amazonas oferece cursos técnicos presenciais que iniciam no mês de março. Na área de beleza, saúde e bem estar serão oferecidos os cursos de Técnico em Podologia e Técnico em Estética. A carga horária é de 1.200 horas, com início no dia 7 de março de 2016 e término em 10 de agosto de 2017. Cada curso é dividido em três módulos. O investimento, por módulo, é de R\$ 1.440, podendo ser dividido em até seis vezes sem juros. As aulas serão ministradas na unidade Senac Centro, localizada na Rua Saldanha Marinho, nº 410, Centro.

O curso de Técnico em Podologia habilitará o aluno a identificar afecções e disfunções que acometem os pés, selecionar e executar procedimentos podológicos para diferentes patologias, incluindo avaliação de alterações e deformidades podais, aplicar técnicas básicas de reflexologia podal e gerenciar seu próprio negócio, desenvolvendo competências para o exercício profissional, com base nos conhecimentos científicos e tecnológicos.

Já o curso de Técnico em Estética capacitará o docente a atuar no embelezamento, promoção, proteção, manutenção e recuperação estética da pele da face e do corpo, avaliando, indicando e aplicando procedimentos de estética facial e corporal.

Para efetuar a inscrição, os interessados devem se dirigir à unidade Senac Centro, levando cópia do RG, CPF, comprovante de residência e de escolaridade, no qual comprove que tenha concluído ou esteja cursando a segunda série do Ensino Médio. A idade mínima é 18 anos.

FALE COM OS EDITORES economia@d24am.com, redacao@d24am.com | SIGA-NOS [twitter.com/portald24am](#) [facebook.com/D24am](#)

Comércio do AM registra a menor venda em 15 anos

De acordo com IBGE, em nenhum mês de 2015 o resultado foi positivo



CRISE
A retração começou em 2014 e se agravou no ano passado, segundo avalia o IBGE

No mês do Natal, a data mais importante do varejo, as vendas ficaram 4,7% abaixo de novembro. No País, o recuo foi de 2,7%.

TEXTO Beatriz Gomes e Agência Estado
FOTO Sandro Pereira

MANAUS

O comércio varejista do Amazonas fechou o ano passado com o pior resultado de vendas em 15 anos. Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o setor não teve nenhum mês em 2015 com volume de vendas positivo e encerrou o ano com índices abaixo da média nacional.

Em dezembro, mês do Natal, a data mais importante para o comércio, as vendas ficaram 4,1% abaixo de novembro, enquanto no País, o recuo foi menor, 2,7%. Comparado a dezembro do ano passado, a queda no Amazonas é ainda maior, 10%, já o resultado nacional foi de 7,1% negativos.

O acumulado de 2015 apresenta o pior desempenho dos últimos 15 anos desde que a pesquisa iniciou no Amazonas, um recuo de 7,3%.

Segundo o IBGE, o desempenho do comércio no Estado já dava sinais de desaquecimento desde 2014 quando fechou aquele ano próximo de zero (0,3%). No entanto, a crise econômica agravou de forma abrangente todas as atividades do comércio. "O desempenho é reflexo da retração no consumo influenciado principalmente pela diminuição do poder de compra do consumidor local em função da instabilidade econômica", afirma o IBGE. Essa nota. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) do IBGE, de Janeiro a Setembro de 2015 foram eliminadas

onze mil postos de trabalho no comércio do Estado.

O volume de vendas do comércio varejista ampliado, que inclui as atividades de veículos e de material de construção, teve uma queda de 14,3% em dezembro e fechou o ano com um acumulado negativo de 10,5%. O resultado indica que o desempenho desses dois importantes segmentos sofreu impactos ainda maiores que o comércio normal.

O índice do varejo ampliado colocou o Amazonas entre os 13 piores resultados no ano, queda de 10,5%, acima da média nacional, que teve retração de 8,6%.

Com o fraco desempenho do Amazonas, a queda nas vendas acumuladas no ano foi a nona pior do País.

NACIONAL

Na passagem de novembro para dezembro de 2015, da série com ajuste sazonal, ou o descontos dos feriados, as vendas no varejo foram negativas em todos os Estados, com

VAREJO
A QUEDA OCORREU EM TODOS OS COMPARATIVOS

Resultado do comércio varejista, excluídos os segmentos de automóveis e de materiais de construção no ano passado no Amazonas



as maiores taxas observadas no Pará (-11,0%), Bahia (-7,2%) e Sergipe (-6,4%).

Em frente a dezembro de 2014, série sem ajuste sazonal, o comércio varejista também registrou queda no volume de vendas para os 27 estados, com destaque em termos de magnitude para o Amapá (-24,9%). Quanto à participação na composição da taxa negativa do varejo, destacaram-se São Paulo (-5,8%) e Rio de Janeiro (-5,5%).

Também no varejo ampliado, todas as 27 unidades da federação apresentaram variações negativas na comparação com dezembro do ano passado. Em termos de volume de vendas, destacaram-se Sergipe (-22,8%), Amapá (-22,2%) e Acre (-20,5%). Os estados com maior impacto negativo foram Rio de Janeiro (-13,7%), São Paulo (-4,7%) e Rio Grande do Sul (-17,2%).

COMÉRCIO Dezembro/15 (%)

Vendas caem quebrando ciclo de crescimento

VOLUME DE VENDAS

	Mês/Mês*
Out/15	0,3
Nov/15	1,8
Dez/15	-2,7
	Mês/Ano**
Out/15	-5,7
Nov/15	-7,8
Dez/15	-7,1

ACUMULADO 12 meses -4,3

VARIÇÃO NAS VENDAS*

Combustíveis e lubrificantes	0,5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios	-1,0
Têxteis, vestuário e calçados	-2,1
Móveis eletrodomésticos	-0,7
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	0,4
Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação	-0,1
Livros, jornais, revistas e papéis	-1,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-3,6

RECEITA NOMINAL

	Mês/Mês*
Out/15	1,1
Nov/15	2,5
Dez/15	-1,9
	Mês/Ano**
Out/15	3,1
Nov/15	1,4
Dez/15	2,8

ACUMULADO 12 meses 2,3

* Em relação ao mês anterior, com ajuste sazonal
** Em relação ao mesmo período do ano anterior
Fonte: IBGE

CONJUNTURA

Desemprego e alta inflação afetam setor

O crédito mais caro, a pressão inflacionária, o encolhimento da massa de salários e a redução no número de postos de trabalho com carteira assinada contribuíram para o mau desempenho do setor no País. "O primeiro semestre de 2016 ainda vai ser terrível, com possibilidade de melhora apenas no segundo semestre, se vier. Estamos torcendo para não piorarmos ainda mais nossas previsões para o ano, como aconteceu ao longo de 2015", disse o economista Fabio Bentes, da Divisão Econômica da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Por enquanto, a CNC espera retração de 3,9% no varejo restrito e recuo de 7,8% no varejo ampliado, com base na expectativa de queda menos acentuada no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e inflação mais branda do que a registrada no ano passado.

"Todos os fatores que podem ter algum impacto sobre o consumo se deterioraram mais no segundo semestre de 2015, fazendo com que a queda no varejo fosse mais concentrada no segundo semestre do que no primeiro", disse Isabella Nunes, gerente da Coordenação de Serviços e Comércio do IBGE. Em dezembro, o número de vagas com carteira assinada no setor privado recuou 5%, o equivalente a 603 mil postos formais a menos.

Meio: Jornal do Commercio		
Editoria: Economia	Caderno: Economia	Data: 17/02/2016

COMÉRCIO

Varejo vende menos em 2015 e quebra ciclo de 11 anos

Com a economia em recessão, inflação em alta e oferta restrita de crédito, as vendas do comércio varejista do país tiveram queda de 4,3% no ano passado, segundo dados divulgados nesta terça-feira (16) pelo IBGE.

Trata-se do pior desempenho desde 2001, início da série da pesquisa do IBGE. O último ano em que o varejo teve queda nas vendas foi 2003 (-3,7%), afetado pelas incertezas do mercado com um primeiro governo do PT.

Isoladamente em dezembro, as vendas do varejo recuaram 2,7% em relação a novembro, apesar do Natal. Foi o pior desempenho para o mês da série histórica.

O dado veio acima do centro de apostas de economistas ouvidos pela agência internacional Bloomberg, que viam recuo de 2,5% na comparação mensal e de 7,1% em relação ao mesmo mês de 2014.

A atividade que mais pesou no resultado do varejo em 2015 foi a de móveis e eletrodomésticos, com queda de 14%, a maior desde 2001. O setor é mais dependente do crédito e da confiança das famílias.

A vida não foi fácil, contudo, para nenhum segmento do varejo. Das oito atividades pesquisadas pelo IBGE, sete tiveram queda no ano passado.

O varejo sofre com a queda do consumo das famílias, efeito do desemprego, queda da renda e falta de confiança na economia. O crédito farto é coisa do passado. Um quadro ruim para quem depende da demanda interna.

Outros setores

O setor de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo teve queda de 2,5% em 2015, a segunda maior contribuição para o fechamento do ano.

O desempenho chama atenção porque os supermercados comercializam produtos considerados de primeira necessidade, os alimentos. O ramo costuma ser, portanto, mais resistente em tempos de crise.

Também fecharam o ano em queda as atividades de tecidos, vestuário e calçados (-8,7%), combustíveis e lubrificantes (-6,3%) e livros, jornais, revistas e papelaria (-10,9%).

O único setor que apresentou crescimento foi o de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, com avanço de 3%.

O resultado interrompeu um ciclo de uma década de crescimento do varejo. O setor aproveitou como poucos o ganho de renda no país na última década. Foram 11 anos de alta nas vendas, a uma taxa de 7% ao ano.

Diante de uma mudança tão brusca, o jeito foi repensar os negócios. Foram 95.400 lojas fechadas pelo país em 2015, segundo a CNC (Confederação Nacional do Comércio). O número desconta as lojas abertas.

"Isso mostra que os varejistas não mantiveram seus investimentos, incluindo as grandes redes de varejo. Fechar uma loja é a total falta de perspectiva de uma recuperação", disse o economista Fábio Bentes, da CNC.

IBGE

Vendas no comércio caem 7,3%

PIOR DESEMPENHO DOS ÚLTIMOS QUINZE ANOS, EM DEZEMBRO O TOMBO FOI DE 10%

Priscila Caldas
pcaldas@yam.com.br

Foto: Walter Mendes

O comércio amazense encerrou o mês de dezembro de 2015 com redução de 10% no faturamento em relação ao mesmo período de 2014. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), durante todo o ano o volume de vendas foi negativo, enquanto o acumulado de 2015 registrou redução de 7,3%, considerado

Vemos a escassez de crédito, a elevação dos juros, o desemprego, a desvalorização do câmbio

como o pior desempenho dos últimos 15 anos. Para os empresários e economistas, os resultados negativos são reflexos da crise econômica nacional. Conforme o IBGE, a receita nominal de vendas fechou o mês de dezembro com queda de 1,1% em relação à igual mês de 2014. Por não sofrer a influência da inflação em seu cálculo, fechou o ano de 2015 com 0,1%.

O desempenho do comércio amazense já dava sinais de desaquecimento desde 2014



O comércio varejista de veículos e de material de construção acumularam queda de 10,5%

quando fechou o ano próximo de zero (0,3%).

De acordo com o presidente da ACA (Associação Comercial do Amazonas), Ismael Bicharra, a atividade comercial no Estado começou a sofrer o impacto do mau desempenho econômico nacional em 2014, na época de realização dos jogos da Copa do Mundo. Ele comenta que o comércio, assim como a indústria, apostou em investimentos para o período da Copa. Porém, as expectativas foram frustradas. A partir deste período, ele afirma que

não houve recuperação.

"Já estávamos em crise desde 2013, mas o comércio vinha se sustentando com crescimento muito baixo. Houve uma grande expectativa com a realização da Copa do mundo, mas as empresas começaram a sentir queda nas vendas a partir do segundo jogo. A queda foi generalizada e não parou mais", disse.

Na avaliação de Bicharra, a solução para a economia nacional está na instituição, por parte do governo federal, de reformas trabalhista e previ-

denciária. "A partir desse momento poderíamos visualizar alguma luz no final do túnel. Mas, infelizmente os governantes estão preocupados com a manutenção dos seus cargos, enquanto a economia está descontrolada".

O assessor econômico da Fecomércio, José Fernando Pereira, considera que o Brasil enfrenta a pior recessão dos últimos anos, fator que reflete em todos os segmentos. "Vemos a escassez de crédito, a elevação dos juros, o desemprego, a desvalorização do câmbio,

Tudo contribui para a queda no volume de vendas", citou.

Conforme os números do IBGE, a receita nominal de vendas do comércio varejista ampliado caiu -7,3% em dezembro culminando com o fechamento anual de -4,8%, isso porque não considera em seu cálculo os efeitos inflacionários.

A crise do comércio do Ama-

zonas em 2015 fez com que a perda fosse a pior dos últimos quinze anos, onde todos os meses foram de queda do volume de vendas em relação aos meses do ano anterior. De acordo com a Pnad Contínua do IBGE, de janeiro a setembro de 2015 foram eliminados onze mil postos de trabalho no comércio do Estado.

POR DENTRO

Resultados do varejo foram negativos em todas as 27 Unidades da Federação

Na passagem de novembro para dezembro de 2015, série com ajuste sazonal, as vendas no varejo foram negativas para as 27 Unidades da Federação, com as maiores taxas observadas no Pará (-11,0%), Bahia (-7,2%) e Sergipe (-6,4%).

Frente a dezembro de 2014, série sem ajuste sazonal, o comércio varejista também registrou queda no volume de vendas para os 27 Estados, com destaque em termos de magnitude para o Amapá (-24,9%). Quanto à participação na composição da taxa negativa do varejo, destacaram-se São Paulo (-5,8%) e Rio de Janeiro (-5,5%).

Também no varejo ampliado, todas as 27 Unidades da Federação apresentaram variações negativas na comparação com dezembro do ano passado. Em termos de volume de vendas, destacaram-se Sergipe (-22,8%), Amapá (-22,2%) e Acre (-20,5%). Os Estados com maior impacto negativo foram Rio de Janeiro (-13,7%), São Paulo (-4,7%) e Rio Grande do Sul (-3,2%).

Regionalmente, o desempenho acumulado de janeiro-dezembro de 2015 mostrou redução no volume das vendas do comércio varejista em 26 das 27 Unidades da Federação, com destaque para o Amapá (-12,4%), Paraíba (-10,3%) e Goiás (-10,2%). A exceção ficou por conta de Roraima, com avanço de 6,5%.

Considerando o comércio varejista ampliado, todas as 27 Unidades da Federação apontaram queda, com destaque para Espírito Santo (-16,2%), Goiás (-15,0%), Tocantins (-14,9%) e Paraíba (-14,6%).

EM MANAUS

Comércio fecha 200 lojas

Com a crise nas vendas, a quantidade de empresas locais fechadas foi 70% maior que em 2014, segundo a CDL-Manaus

SAADYA JEZINE
economia@acritica.com

No Amazonas - assim como em todo o território brasileiro - o número de empresas fechando as portas em 2015 apresentou uma alta significativa em comparação ao ano anterior. Foram 2.998 empresas de vários segmentos que deram baixa na Junta Comercial do Estado do Amazonas (Jucea), sendo aproximadamente 200 lojas fechadas no comércio manauara.

A informação é da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Manaus (CDLM), constatando que a quantidade de estabelecimentos que faliram é 70% mais alto que em 2014.

"Esse número pode ter sido expressamente maior, se compararmos as lojas que encerraram as atividades, mas ainda não legalizaram sua situação na junta comercial", destaca o presidente da CDLM, Ralph Assayag. A estimativa é que o cenário perdure por mais um tempo, "pelo menos durante todo esse ano, chegando a uma estabilidade econômica apenas em 2017", disse.

MOTIVOS

Assayag destaca que não há estudo sobre os reais motivos da crise que atingiu o setor, no entanto, "sem dúvida, o despreparo de alguns empresários em administrar seus negócios é um fator que faz parte desse cenário", destaca.



Com prejuízo acumulado nas vendas e os altos custos de impostos, empresários foram obrigados a fechar as portas

Ele considera a burocracia do Estado para com os empresários e os custos de manutenção de um negócio como agravantes. "Manter o quadro de funcionários com todos os direitos legais, pagamentos de impostos, alvarás, é um desafio constante também na vida do empreendedor", afirma.

Carlos Albuquerque também faz parte da estatística. Empresário do setor de material de construção há 12 anos, ele encerrou sua personalidade jurídica em novembro do ano passado. "Fornecemos materiais para

Em números

#

2998

empresas foram encerradas na Jucea-AM em 2015. Dessas 2628 eram firmas constituídas por um único dono; 346 empresas do tipo Ltda; 18 Eireli; 2 cooperativas; e 4 de outras modalidades. Do lado inverso, foram abertas nesse ano, 5091 novas empresas.

uma construtora que tinha sede em Manaus. No entanto, ela (a construtora) encerrou suas atividades em junho. Com isso, tivemos queda em 61% no volume de vendas. Optamos por encerrar a empresa e investir em outro setor mais adiante", lamentou.

Segundo o economista Igor Gonçalves, os números apresentam apenas o reflexo de instabilidade econômica brasileira. "Um empreendedor arriscar nessa época enquanto sua receita diminui, não é uma maneira inteligente de superar a crise", justifica.

Blog

Expedito Junior proprietário da CLA Manaus

Devido o altos custos de manutenção, como aluguel e impostos, o

proprietário da rede de lojas CLA, em Manaus, optou por encerrar duas filiais em 2015. "Uma podemos considerar que teve uma relação com o momento de crise. O empresário tem que entender que é mais viável diminuir a sua estrutura e permanecer no mercado, do que encerrar totalmente as suas atividades. A crise é passageira", destaca o empreendedor. Para sobreviver a crise, o



empresário enxugou o quadro de funcionários e adotou um novo modelo de negócio. "É desmotivante manter uma empresa no Brasil". A rede de lojas, com unidades no Centro e shopping e especializada em artigos de cama, mesa e banho.

Quase 100 mil lojas fecham

Um estudo realizado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), demonstra que essa é a maior crise registrada pelo varejo nos últimos 15 anos, com fechamento líquido de 93,4 mil lojas com vínculo empregatício em 2015.

De acordo com a Confederação, o fechamento das lojas está diretamente associado à

queda no volume das vendas. Os ramos que mais tiveram prejuízo por conta das condições de crédito, foram: materiais de construção (-18,3%), informática e comunicação (-16,6%), móveis e eletrodomésticos (-15,0%). Em termos absolutos, no entanto, hipermercados, supermercados e mercearias foi o segmento que teve a maior redução no número de lojas.